

Entrevista >> POR **ABDO FILHO** afilho@redegazeta.com.br

José Roberto Mendonça de Barros >> É ECONOMISTA E CONSULTOR

*“O Espírito Santo sairá na frente de novo quando a crise passar”

Economista diz que economia só volta a ficar aquecida em 2010, mas no caso do Estado há o petróleo e investimentos

■ ■ A crise financeira mundial foi o principal tema da palestra do ex-secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior da Presidência da República no governo Fernando Henrique Cardoso, José Roberto Mendonça de Barros, na última sexta-feira para os empresários que participaram do 3º Encontro de Lideranças Empresariais, evento realizado na Pedra Azul pela Rede Gazeta, Caixa Econômica e Sampa. Nesta entrevista exclusiva, ele divide com os leitores suas percepções sobre recessão em 2009, papel do governo Lula diante da crise. Quanto ao Espírito Santo, “está espetacularmente posicionado para sofrer pouco e voltar a sair na frente de novo quando a crise passar”.

■ ■ Qual a avaliação que senhor faz da crise e de como ela está sendo combatida?

É uma crise muito grave, acho que ninguém mais tem dúvidas disso. É uma crise generalizada de confiança no sistema bancário mundial, que implicou numa paralisia, como nunca se viu no sistema de crédito. Parando o crédito, param as empresas e a produção. Se essa crise continuasse sem nenhuma intervenção, ela poderia até levar a uma depressão, como a de 1929. Em relação ao combate da crise, acho que os governos demoraram para agir. O que realmente definiu a gravidade da situação foi a quebra do Lehman Brothers. Quando isso aconteceu o mercado pensou: se ele quebrou, pode quebrar qualquer um, e aí tudo parou. Depois de muitas perdas, quebras e quedas da bol-

gação a uma recessão, mas sofrerão um redução importante na atividade econômica.

■ ■ Existe algum cenário pior do que esse que estamos vivendo? Qual seria?

O cenário pior seria uma recaída na desconfiança com relação ao sistema bancário. Aí a gente entraria em um cenário não de recessão, mas de depressão, ou seja, uma recessão que duraria muitos anos. Felizmente eu acho que esse não é o cenário mais provável hoje.

■ ■ Essa crise é ou não pior do que a de 1929?

Não, a de 1929 foi muito pior. Um, porque durou muito mais tempo. Dois, porque produziu na economia norte-americana uma taxa de desemprego de 25%. Hoje estamos falando de uma taxa de desemprego de 6%. Além do que, em 1929, 1930, a importância da economia dos EUA para o mundo era maior do que é hoje.

■ ■ Alguns governantes europeus falam em

“Vai sair melhor dessa crise quem for mais prudente, administrar o seu endividamento e investir, antes de tudo, em inteligência”



EFETIVO. Mendonça: “Por conta da falta de crédito, empresas terão que sair do mercado”

■ ■ E o investidor. O que fazer diante desse cenário de volatilidade?

Antes de tudo calma e caldo de galinha (risos). Eu acho que mesmo que tenha perdido dinheiro, o investidor que está na bolsa não deve sair e realizar o prejuízo. A bolsa reflete o futuro do país e, como eu acredito que o Brasil voltará a crescer, acho que a bolsa vai melhorar. Segundo, é não inventar muito, renda fixa e poupança são boas opções para evitar dores de cabeça.

■ ■ Como o senhor avalia a atuação das lideranças nacionais, incluindo aí o presidente Lula, diante da crise? Se o senhor estivesse no governo faria algo diferente?

Acho que não foram muito felizes as declarações de que ‘nós somos uma ilha’, ‘é só uma marolinha’. Tem uma crise e uma crise importante e que precisa ser combatida. O Banco Central está se mexendo, mas as autoridades fazendárias, até agora, pouco realizaram. Se estivesse no governo estaria aconselhando o Banco Central a fazer o que fez, tentaria por um freio na alta do juro e ao mesmo tempo reduziria os gastos governamentais.

“O mundo econômico se voltará cada vez mais para o Oriente. E o fenômeno dos Brics vai continuar”

■ ■ Como o senhor enxerga o Espírito Santo, um dos Estados da federação que mais crescem, mas que tem uma economia muito voltada para o comércio exterior. no

perdas, quebras e quedas da bolsa, os governos começaram a se mexer. Primeiro os EUA tentaram um pacote de US\$ 700 bilhões, mas tropeçou no Congresso, o que gerou outra crise. Depois a Inglaterra montou um pacote realmente consistente, que foi seguido pelos europeus. Acho que dá para dizer que crise já diminuiu um pouco, mas só depois das eleições nos EUA é que nós teremos os elementos suficientes para a situação melhorar realmente.

■ ■ A princípio, então, foram medidas corretas?

Sim, foram na direção correta, porém, insuficientes. Faltava, inclusive, o componente político nos EUA. O que primeiro se resgata é a confiança no sistema, mas a máquina do crédito, para voltar a operar, vai demorar muito tempo. Por isso, teremos, lamentavelmente, recessão na Europa e nos Estados Unidos.

■ ■ Então o senhor dá como certa a recessão nas principais economias do mundo?

Eu não tenho a menor dúvida. Até a quebra do Lehman eu até acreditava que ela não viesse, mas com toda essa turbulência, os consumidores vão se retrair dramaticamente. Os consumidores são muito endividados, por isso terão que reduzir a demanda, já estamos vendo isso no varejo. Além disso, muitas empresas, por conta da falta de crédito, não vão conseguir rolar suas dívidas e terão que sair do mercado.

■ ■ Essa recessão dura quanto tempo?

É muito difícil dizer, mas seguramente 2009 será complicado para os países desenvolvidos. Os emergentes não che-

refundação do capitalismo, sugerindo inclusive uma nova reunião ao estilo Bretton Woods. O senhor é a favor de medidas tão drásticas? Elas são realmente necessárias?

Eu acho que tem um certo exagero nisso aí. O que certamente terá que ser feito é a regulação do mercado financeiro. O mercado ficou muito solto, não regulado, e com a sobra de dinheiro foi produzida uma bolha baseada no crédito que começou no setor imobiliário e foi estourar em vários outros segmentos. Mas a forma de evitar isso é uma regulação mais apertada. Por exemplo, o grande problema bancário está nos Estados Unidos, que é tem uma regulação mais liberal. Se pegarmos a Europa, e até mesmo o Brasil, onde há uma regulamentação mais controlada, não temos uma crise de subprime e derrocada do sistema financeiro como está acontecendo nos EUA.

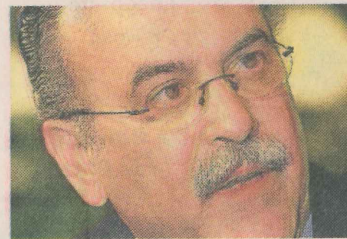
■ ■ Há informações de que mais de 200 empresas brasileiras teriam se enrolado com os tais derivativos. O senhor tem alguma informação sobre isso e se for mesmo verdade quais serão os impactos na economia brasileira?

Olha, o número de empresas é considerável. Não sei se mais ou menos de 200, mas posso dizer que as operações que envolvem derivativos têm um volume muito grande, seguramente da ordem de R\$ 50 bilhões. Os balanços trimestrais fechados agora em setembro vão mostrar um pouco mais essa dimensão. A implicação maior disso é a redução do investimento na economia. As empresas que eventualmente tenham que arcar o prejuízo, vêm o seu caixa dimi-

Veja o perfil do entrevistado



FORMAÇÃO. José Roberto Mendonça de Barros é economista, com doutorado pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado no Economic Growth Center, Yale



CURRÍCULO. Ele foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, de 1995 a 1998, e secretário-executivo da



Câmara de Comércio Exterior da Presidência da República durante o ano de 1998. Desde que saiu do governo, Mendonça de Barros atua como consultor.

nuir e terão que agir nos próximos um ou dois anos de forma mais cautelosa.

■ ■ Há risco de quebradeira de empresas brasileiras?

Acho que isso não é suficiente para quebrar, porque, até onde a gente consegue ver, a maior parte das empresas que perderam dinheiro nessas operações tem caixa para pagar. Não vão sair do mercado por causa disso.

■ ■ E de recessão?

Não estou vendo uma recessão no Brasil, mas estou vendo uma internalização da crise de forma muito rápida, que vai implicar em uma forte desaceleração do crescimento. Hoje estamos crescendo a uma taxa superior a 5%, no ano que vem vejo um crescimento abaixo dos 3%. Em 2010 acredito que a economia volta a se aquecer.

■ ■ Certa vez o senhor disse que em um mundo conturbado ganha-se na estratégia. Qual é a

estratégia que deve ser usada agora pelo Brasil e pelos empresários?

Nos dois casos a estratégia principal é ter prudência. A pior é negar que existe o problema, essa história da 'marolinha' foi muito infeliz, porque o problema é realmente grande. Para sair disso, o setor público precisa aumentar a taxa de poupança para depois investir. No caso das empresas, é preciso ajustar seus orçamentos a essa nova realidade, mas mantendo os projetos para o longo prazo. Vai sair melhor dessa crise quem for mais prudente, administrar o seu endividamento e, investir, antes de tudo, em inteligência.

■ ■ Os exportadores, importante peça na engrenagem da economia brasileira nos últimos anos, estão passando por dificuldades por conta da inexistência de crédito em dólar e, em alguns casos, porque as commodities estão desvalorizadas. O que precisa

ser feito para que eles saiam dessa sinuca?

Isso o Banco Central já começou a fazer. São os leilões de linhas voltadas para o financiamento das exportações. Essa falta de crédito externo vai ser temporária, não vai ficar assim para o resto da vida. A recessão pode ser mais duradoura, mas o crédito será retomado. Acho que a posição do BC é muito razoável.

■ ■ Em um momento de juros elevados, risco de recessão mundial e falta de crédito, o que o empresário deve fazer? Investir em produção ou ficar com o dinheiro parado?

Primeiro é privilegiar o caixa. Segundo ponto é: antes de investir na produção é preciso rever a velocidade do crescimento. Depois é preciso observar o que é indispensável para a vida da empresa para daqui a dois três, quatro anos. A partir dessa plataforma avalie o que fará com o dinheiro.

para o comércio exterior, no contexto da crise?

O Espírito Santo tem uma coisa magnífica que é a nova fronteira do petróleo e isso não vai ser reduzido no curto prazo. Além do mais, há uma série de investimentos em infra-estrutura que não pararão. Em relação ao comércio exterior, a retomada do financiamento é uma questão de tempo. Não ficaria particularmente preocupado com isso. O Espírito Santo está espetacularmente posicionado para sofrer pouco e voltar a sair na frente de novo quando a crise passar.

■ ■ Como o Brasil e o mundo ficarão depois da crise? Estados Unidos, Europa e Ásia, quem sai fortalecido?

É difícil dizer isso. É uma pergunta complexa. A princípio, a economia americana perde um pouco da importância e a bacia asiática mantém o crescimento econômico e de importância. O mundo econômico se voltará cada vez mais para o Oriente. E o fenômeno dos Brics (Brasil, Rússia, China e Índia) vai continuar. Ao contrário do mundo desenvolvido, não vão para uma recessão. A perspectiva do longo prazo não mudou assim como não mudou o capitalismo.

■ ■ E a Europa?

Há uma dificuldade em se administrar a União Européia. Não é brincadeira juntar a economia de quase 30 países. Ela vai sofrer um bocado, talvez sofra menos que os EUA, mas vai continuar a ser uma região de crescimento mais lento e com um altíssimo padrão de vida o que mantém a sua importância geopolítica.

■ ■ Quando a crise acaba? Só Deus sabe (risos).

